

PIERRE FURTER

## Alfabetização e Cultura Popular na Politização do Nordeste Brasileiro

### 1. *Algumas contradições brasileiras*

O PRESENTE RELATÓRIO limita-se à vasta região do Nordeste do Brasil que, incluindo-se o Estado da Bahia, representa menos da quinta parte do território brasileiro (três vezes o da França) e compreende a terça parte da sua população (quatro vezes a da Suíça). Não poderia pois êste relatório ser válido para o conjunto do país. Certamente seria igualmente legítimo e interessante, em vez de tomarmos essa região, considerada como uma das mais miseráveis do mundo, analisarmos o esforço educativo concentrado no centro-sul do país, onde se localizam três quartos das escolas primárias, a metade dos professores, as melhores universidades, e onde cada criança tem a possibilidade de cumprir sua escolaridade obrigatória de quatro anos. Enquanto que na metrópole do Nordeste, Recife, a terceira cidade do Brasil, capital do Estado de Pernambuco, o déficit escolar é de 80 mil crianças (a população escolar do cantão de Zurich), que estão pois, a priori, condenadas a ficarem analfabetas.

Seria ingênuo acreditar que essas distorções escapam aos pedagogos brasileiros. No Brasil a pedagogia não é, de

maneira alguma, "subdesenvolvida", pois, desde a primeira guerra mundial, três gerações de educadores se esforçaram por provocar uma verdadeira "tomada de consciência educacional" a qual foi magnificamente expressa no *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1), redigido em 1932, por Fernando de Azevedo, e aceito por vinte e cinco educadores. Não somente foram tentadas experiências em todo o país (no Ceará já em 1922 com Lourenço Filho (2), em Pernambuco, em 1926, com Carneiro Leão (3) mas reformas escolares sistemáticas foram feitas, em particular no antigo Distrito Federal (Fernando de Azevedo desde 1928, depois Anísio Teixeira desde 1932 (4) e em São Paulo (Fernando de Azevedo em 1932). Essas reformas provaram a imaginação criadora e a capacidade dos pedagogos brasileiros.

Hoje o MEC (Ministério da Educação e Cultura), instalado no belo edifício de Le Corbusier, manifesta em pleno Rio a renovação cultural e dispõe de notáveis instituições como o Instituto Nacional de Estudos pedagógicos (INEP) com suas múltiplas ramificações: a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a

Campanha Nacional de Aperfeiçoamento do Ensino Secundário (CADES), a Campanha do Livro Escolar, os Centros Regionais de Pesquisas Pedagógicas. Todas essas instituições formam excelentes técnicos.

E, no entanto, o balanço apresentado pela delegação oficial do Brasil à conferência da UNESCO sobre *A Educação e o Desenvolvimento Econômico-Social na América Latina*, realizada em Santiago do Chile, em 1962 (5), é sombrio: a duração média da escolaridade primária é de 2,2 anos; mais da metade dos professores nunca tiveram formação profissional; o desperdício é catastrófico (78% no ensino secundário); a isso se junta a passividade e lassidão de um corpo docente mal remunerado, que dificilmente chega a superar um ensino verbal e escolástico. Se o desenvolvimento da educação tem sido constante, de forma que a proporção de analfabetos de mais de 15 anos passou de 65,3% em 1900 para 50,6% (a média da América Latina é de 42%), o seu número absoluto foi duplicado. Atualmente, não tendo o desenvolvimento escolar, podido observar a massa de crianças em idade escolar, consequência de uma verdadeira exploração demográfica (6), são 33 milhões de analfabetos que pesam sobre o presente e o futuro dêste país, que não é subdesenvolvido, como frisa com razão J. Lambert, mas se caracteriza por um desenvolvimento profundamente desequilibrado.

## 2. *Uma solução pedagógica: a Escola Parque de Salvador*

Deve-se admitir o julgamento do Prof. Anísio Teixeira quando êle diz que a

pedagogia brasileira “é uma agitação febril no seio de uma imobilidade crescente”? É difícil seguir êste julgamento, principalmente quando se pensa numa das próprias realizações de Anísio Teixeira quando era, há dez anos, secretário da Educação do Estado da Bahia.

Na capital da Bahia, longe dos olhares dos turistas, há uma enorme favela, o bairro da Liberdade, onde vivem miseravelmente 60 ou 70 mil habitantes, num labirinto de barracos, de palhoças inumeráveis, de caminhos toscos. A mortalidade infantil é ali tão grande quanto na cidade de Natal, que é considerada a de maior índice de mortalidade infantil no Brasil: 80% dos recém-nascidos morrem antes de completar um ano. A morte alí é tão rotineira que o passatempo das crianças, à tarde, é acompanhar um dos seus, envolto pobremente em alguma caixa de papelão, à vala comum.

Partindo da situação topográfica, Anísio Teixeira imaginou envolver êsse bairro numa rêde educativa muito engenhosa: na periferia foram colocados blocos escolares nos quais se ministra, pela manhã, o ensino tradicional; no centro do bairro, bem visível, ergue-se o centro educativo, a Escola Parque propriamente dita. Para ela convergem, tôda tarde, de todos os pontos do bairro, milhares de crianças. Em turmas, elas vão participar, durante a tarde, de todo um conjunto de atividades culturais. Cada turma, por seu turno, vai ler na biblioteca, depois iniciar-se no canto coral; as crianças jogam e se exercitam no salão de ginástica ou nos terrenos da escola; finalmente aprendem técnicas artesanais de base. Fabricam objetos, consertam, aplicam-se em fazer peque-

nos objetos. Anísio Teixeira realizou assim, um espírito estritamente pedagógico, a idéia acariciada há muito tempo pela Associação dos Artistas de Salvador: dar um novo impulso às técnicas artesanais tradicionais, por meio de um ensinamento moderno. Este ano, um teatro e locais especializados para os jogos sociais virão completar esse admirável conjunto que é dirigido, desde a sua fundação, pela irmã do Prof. A. Teixeira, dona Carmen Teixeira. O centro pedagógico mostra a todo o bairro que há, mesmo nessas condições, uma possibilidade de dignidade humana e que “a educação não é um privilégio” (7), e sim um meio de acesso a uma vida que não a da miséria obrigatória. Corresponde exatamente ao programa do manifesto de Fernando de Azevedo, que pretendia provocar uma “revolução de baixo para cima” dos técnicos em educação, contra o quietismo da tradição, a incúria da massa e a inércia coletiva, a fim de demonstrar concretamente que é possível um ideal de formação diverso do *bacharelismo*, reservado a uma elite de *futuros doutores*, escola privilegiada reservada a privilegiados. Esse conjunto escolar tem um duplo testemunho a dar. Para os habitantes do bairro da Liberdade êle significa, no seu próprio meio, que a democracia não é apenas um slogan eleitoral, mas uma maneira de viver que começa na escola. Para as autoridades e os dirigentes do Estado é o modelo daquilo que êles devem agora multiplicar.

Tôda a atividade do Prof. Anísio Teixeira no MEC foi, aliás, no sentido de descentralizar o esforço federal, que deverá adaptar-se a cada situação local, injetando, ao mesmo tempo, novas idéias,

novos projetos, nos sistemas educativos estaduais. Assim no Recife, por exemplo, no maravilhoso conjunto formado pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais, pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e pelo Museu do Açúcar, está sendo construída uma luxuosa escola experimental, conforme as idéias do sociólogo Gilberto Freyre, com o intuito de provar a eficácia da sua concepção “lusotropical” de educação.

No entanto essa “revolução de baixo para cima” não é mais seguida, hoje em dia, pela nova geração de educadores (8). Esta, tomando consciência do pêso das estruturas econômicas, sociais e políticas, tomando em consideração as dimensões sociais de educação, censura a geração anterior por sua *utopia educativa*. Com efeito, poder-se-ia perguntar até que ponto não representa o centro pedagógico da Escola Parque um fator social de desajuste. É impressionante notar que, para a maioria das crianças, nada vem prolongar a escolaridade obrigatória, e que a Diretoria tem a maior dificuldade em estabelecer laços com os pais dos alunos, os quais desconfiam dessa *máquina* montada no meio da sua miséria. Seria, pois, interessante estudar a modificação estrutural provocada pelo centro pedagógico no conjunto do bairro. Infelizmente também a resposta das autoridades permaneceu insuficiente. Os jovens pedagogos acham que, na atual situação, em que sobretudo as massas proletárias foram fortemente politizadas pelas últimas eleições, já não basta construir “modelos” é preciso passar a uma planificação capaz de criar *no seio da população* um movimento educativo. Em outras palavras, a revolução de Fernando de Azevedo permaneceu no

nível das elites, será preciso descer ao nível dos líderes médios, daqueles que Joffre Dumazedier e seus colaboradores de *Peuple et Culture* chama "a elite popular" (9).

### 3. Analfabetismo e subdesenvolvimento.

Não são apenas as estatísticas que provam a relação estreita existente entre o analfabetismo e o subdesenvolvimento. (9). No Estado do Rio G. do Norte, um dos mais pobres do Brasil, a porcentagem é de 67% da analfabetos completos, 80% se contarmos aqueles que sabem apenas assinar o seu nome (o que é exigido pela lei brasileira para não se ser mais analfabeto). Mas o bom senso admite imediatamente esta relação (10).

Por um lado, numa sociedade em que a escrita foi fetichizada por uma vida social cujo eixo e cuja marca é a burocracia administrativa, o analfabetismo é sentido como uma injustiça social, que afasta duma participação ativa tôda uma parte da população entregue a leis que ela não pode conhecer. Por outro lado, numa sociedade em que o processo de urbanização tornou-se monstruoso, o analfabeto dificilmente se integra numa vida reduzida à célula familiar e torna-se vítima de intermediários que exploram sua ignorância técnica. Finalmente o papel da escrita, particularmente da assinatura, é uma condição "sine qua non" para a participação política, de forma que o cidadão brasileiro analfabeto é um pária, num clima politizado em que continuamente se faz apêlo à sua vontade e ao seu papel. Essas injustiças, no entanto, são evidentes apenas, inicialmente, para o observador (do

sul do país ou estrangeiro), Não o são necessariamente para aquele que vive a situação. Com efeito, conforme demonstrou o brilhante economista Celso Furtado, a situação econômica do Nordeste não é uma infelicidade e sim o resultado duma sociedade que se imobilizou no precário equilíbrio de uma economia de sobrevivência (11). Para a consciência intransitiva da população rural, por exemplo, encerrada numa vida vegetativa sem perspectivas mais ao longe e sem nenhuma consciência do movimento histórico, a situação pode aparecer como injustiça, ela não é inumana. É um equilíbrio confirmado por uma vasta cultura popular, sempre viva, mantida por uns 40 mil cantadores profissionais, que enriquecem a literatura oral tradicional. A estrutura social se apoia numa concepção pessimista e messiânica da história, que encontra sua expressão nos contos populares, ou nos ritmos e nos ritos das dansas dramáticas, das peregrinações, etc. O analfabeto vive, pois, num universo fechado, que o impede de tomar consciência da sua situação, mas lhe assegura um certo equilíbrio.

É interessante notar, por exemplo, que uma pesquisa sociológica, com a finalidade de preparar uma campanha de alfabetização na capital do Estado da Paraíba, João Pessoa, mostrou que a apetência para a alfabetização limitava-se a adultos, jovens ainda pouco integrados socialmente e desejosos de um nôvo futuro. Ao contrário, os analfabetos mais idosos, que já haviam encontrado seu lugar na sociedade *como analfabetos*, não mostraram nenhum interesse pela campanha.

Ora, êsse fraco equilíbrio foi rompi-

do primeiramente pelo prodigioso desenvolvimento industrial do sul do país. As regiões industriais, particularmente São Paulo, foram invadidas por imigrantes nordestinos, que descobriram sua condição miserável. Esse movimento não foi apenas no sentido Norte-Sul, mas, em cada Estado, a capital, onde se instalava pouco a pouco uma indústria modesta, mas suficiente para alimentar esperanças, tornou-se o polo de fixação de todos aqueles que viviam miseravelmente no interior da região. O desenvolvimento do rádio, da televisão, o melhoramento e a utilização sistemática dos transportes rodoviários, as notícias que chegam ao interior através das campanhas políticas, tiveram um verdadeiro *efeito de representação*. Uma cidade como Natal, por exemplo, duplicou em dez anos e dos seus atuais 170 mil habitantes, 30% vêm diretamente do interior do Estado.

Por outro lado, após o suicídio de Getúlio Vargas, a esperança de uma democratização rápida e real veio recolocar o problema da participação efetiva da população. Tomou-se consciência de que a democracia brasileira era uma democracia sem povo (12). Com efeito, a lei exclui da vida eleitoral os analfabetos. Como observa judiciosamente J. Lambert, essa medida que fôra tomada no século XIX a fim de reduzir o poder dos grandes proprietários de terra, que não podiam assim utilizar contra a burguesia urbana uma clientela amorfa, é sentida atualmente, sobretudo nas cidades, como uma arma política da classe possuidora contra o proletariado. O movimento das Ligas Camponesas, que prolonga no interior a tomada de consciência duma injusta inferiori-

dade perante a lei, provocou também um movimento pela alfabetização que se torna, cada dia, mais exigente (13). A situação se torna pois insustentável: num sistema que não tem capacidade para cobrir o déficit escolar (que fabrica portanto analfabetos) por falta de recursos, se impõe, por razões políticas indiscutíveis e cada dia mais urgentes, o pêso de uma alfabetização sistemática.

Certamente se poderia justificar uma campanha total considerando que ela poderia provocar um *take-off*, uma partida rápida e fulminante do desenvolvimento econômico, que permitiria depois recuperar as despesas de investimentos. Celso Furtado observa, em recente artigo, (14) que uma tal política cria uma situação explosiva, pois uma sociedade dinâmica não pode ser acelerada sem modificar suas estruturas. Conclui-se que não é possível romper, pela alfabetização, o círculo vicioso do subdesenvolvimento, sem desenvolver, ao mesmo tempo, outros fatores, a higiene pública, por exemplo, ou a saúde pública, dois setores nos quais a cidade do Recife em particular se encontra numa situação catastrófica. Não se pode, pois, empreender uma campanha de alfabetização, a não ser que esta seja integrada num plano geral de desenvolvimento. É o que a SUDENE (15) está tentando empreender no Estado do Rio Grande do Norte, onde a educação, a higiene pública e a agricultura vão ser impulsionadas simultaneamente durante três anos.

Por outro lado, não se pode negligenciar o problema da rentabilidade da educação. Uma planificação supõe menos uma organização do que uma escô-

lha de prioridades e uma utilização sistemática dos recursos existentes. Ela exige uma colaboração entre sociólogos e educadores, mas sobretudo entre êstes e os economistas. É com efeito uma mentalidade completamente nova que toma corpo (16). A fim de se ter uma idéia de como o problema do financiamento se coloca de maneira dramática, não apenas por causa da atual situação desfavorável, basta notar que, no Brasil, para uma criança em idade escolar há apenas pouco mais de um adulto (1,21) ativo, enquanto que na França há mais de quatro (4,32). Assim uma plena escolaridade deveria absorver pelo menos 4% da renda nacional. Atualmente as despesas de educação representam apenas 2% da renda nacional. Enquanto nos Estados Unidos são apenas 0,8%. Torna-se pois urgente imaginar, por um lado, novas técnicas revolucionárias, eficazes, baratas, a fim de realizar aquilo que J. Viazey chama a "penetração tecnológica" da educação (educação penetrada pela tecnologia, tecnologia a serviço da educação), por outro lado, utilizar a fundo todos os recursos existentes. Essa planificação e essa verdadeira mobilização só podem existir com uma estreita colaboração interministerial, a qual supõe uma mentalidade administrativa completamente nova. Como tentaremos demonstrar, essas exigências não são impossíveis, no Brasil, pelo menos sob certas condições.

#### 4. *As primeiras tentativas de uma penetração tecnológica.*

Uma das primeiras exigências econômicas é economizar o tempo dos alunos e dos professôres. É preciso pois

reduzir ao mínimo o tempo de aprendizagem. Foi o que o Prof. Paulo Freire, da Universidade do Recife (17), tentou realizar, elaborando um método de alfabetização em 30 horas. O método supõe uma pesquisa sociológica no bairro escolhido, a fim de conhecer o meio cultural dos alunos. Em particular, faz-se o levantamento do seu vocabulário fundamental, de maneira a basear a aprendizagem das técnicas de expressão nos conhecimentos já adquiridos na vida diária. Trata-se, tècnicamente, de *revelar-lhes* o seu vocabulário oral sob a forma escrita. Com o auxílio de um epidiascópio, que projeta textos, enquanto os alunos aprendem a reconhecer, a ler e a imitar êstes textos, a monitôra se esforça por seguir, com maleabilidade, as dificuldades da classe. Seguimos uma experiência-pilôto em João Pessoa, com quarenta domésticas, a qual foi tão bem realizada que a jovem equipe de intelectuais que, de boa vontade, tinha tomado a iniciativa dessa experiência, recebeu a missão de alfabetizar vários bairros no comêço dêste ano.

Uma segunda exigência é a de economizar ao máximo o pessoal e seu deslocamento. Com efeito, apesar das estradas e do avião, o Brasil contemporâneo ainda não resolveu o problema das comunicações rápidas em pequenas distâncias. Apenas o rádio garante uma ligação imediata entre a capital, por exemplo, e o interior. No Recife, o Movimento de Cultura Popular (MCP) lançou a idéia de alfabetização pelo rádio. Suas primeiras experiências poderão ser sistematicamente desenvolvidas quando a emissora da Universidade do Recife entrar em pleno funcionamento. Em Natal, capital do Rio Gran-

de do Norte, o bispo auxiliar da diocese criou todo um sistema de educação, baseado no contacto radiofônico entre a capital e os diferentes centros paroquiais. Os animadores, i. é, aquêles que sabem ler e escrever, recebem pelo rádio instruções que possibilitam a reprodução da lição transmitida diante dos alfabetos de suas comunidades. Ainda em Natal, a campanha "De pé no chão também se aprende a ler" demonstrou que os obstáculos de falta de pessoal qualificado e de construções escolares não são insuperáveis. Em lugar de utilizar as subvenções federais para construir escolas-modêlo, o secretário da educação da Prefeitura, Prof. Moacyr de Góis, pensou em aplicar as técnicas tradicionais, utilizadas pelos pescadores nas praias norte-riograndenses. Esta idéia não apenas resolveu o problema do custo da construção (ficando uma escola por uns mil francos suíços), mas teve a vantagem de renovar a construção artesanal, propondo aos artesãos necessidades absolutamente novas. Nos bairros da periferia, nos quais se fixa o grosso da população vinda do interior, foram construídos rapidamente blocos escolares de 3 a 5 escolas, com uma área circular coberta, a qual serve, ao mesmo tempo, de local de aula e de terreno coberto para jogos, pois nesse clima feliz apenas a chuva exige uma proteção. O centro escolar é completado por uma horta destinada a produzir os legumes que constituirão uma refeição frugal necessária, pois a maioria das crianças subalimentadas não suportariam, de outro modo, as quatro horas de aulas. Cada grupo escolar absorve, cada dia, 1400 a 1500 alunos, de 6 a 80 anos, em três turnos: um pela manhã,

um à tarde e um à noite, utilizando assim, em tempo integral, essas modestas construções perfeitamente funcionais. Por falta de monitores e de pessoal qualificado, a campanha fêz apêlo à ajuda voluntária ou pouco remunerada, e uma vez que isso ainda não era suficiente, muito naturalmente chegou-se a introduzir, sem o saber, o método de ensino mútuo que o Padre Girard, há mais de cem anos, havia imaginado para resolver uma situação igualmente desfavorável. A frequência é de 60% mais ou menos e, para não haver queda do interêsse, cada rua foi inspecionada e levantado o número dos seus alfabetos. Uma faixa indica públicamente o estado atual da alfabetização dos vizinhos. Foram também construídas pequenas *praças de cultura*, com um jardim ao ar livre para os pequeninos, uma quadra de basquete para os jovens e uma biblioteca popular que, à noite, serve de lugar de encontro e de discussão. A experiência de Natal é interessante pois caracteriza uma nova mentalidade que não se preocupa mais de estética ou de "ambiente", mas procura resolver com os pobres meios locais uma parte dos problemas colocados pelo subdesenvolvimento econômico.

##### 5. Educação fundamental e cultura popular.

No entanto essa atividade tecnológica, embora muito positiva, especialmente por dar responsabilidades públicas e cívicas a uma juventude ávida, não pode afastar-se duma compreensão global da situação social brasileira, sob pena de provocar, por uma alfabetização

apressada, o aparecimento de um verdadeiro *lumpenproletariat*.

É o que o Prof. Paulo Freire tem estudado teòricamente e tentou resolver pela criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (18). Êle mostra na sua tese que a consciência popular brasileira se encontra numa situação de *transitividade* (no trânsito) que, em consequência do desenvolvimento dramático da sociedade e à falta de uma base ideológica profunda, pode degenerar numa consciência fanática, a qual procurará pela violência, um equilíbrio superficial. Com efeito, no Brasil não há, como na África (19), um estrangulamento do processo educativo, pela ausência dum ensino secundário, que deixa assim bloqueada uma multidão de "primários superiores", mais "ricos de esperanças do que de possibilidades", mas a educação secundária brasileira corrompe, pelo seu caráter verbalista, autoritário e irresponsável, o processo de democratização. Todos os educadores brasileiros estão de acôrdo em lamentar a comercialização e a multiplicação apressada das instituições, privadas sobretudo, de ensino secundário, mas parece que estamos diante de uma engrenagem implacável (20). Em outras palavras, o perigo atual não é tanto o de criar um proletariado de semianalfabetos, aberto a todos os slogans, mas o de provocar um choque entre as aspirações populares preparadas por uma educação fundamental e as estruturas do ensino secundário e mesmo superior, esclerosadas por uma visão superada da realidade.

Ê essa ruptura entre as elites e o povo que explica o interêsse sempre maior por uma *cultura popular*, que permitiria

a unidade cultural e ideológica da nação. Como já observamos o Brasil atual possui ainda uma cultura popular, já muito desagregada, mas viva. Francisco Julião mostrou, por exemplo, como as Ligas Camponesas (21) souberam utilizar os veículos tradicionais, a fim de provocar uma tomada de consciência, por parte do pequeno campesinato do agreste pernambucano inicialmente, e de todo o Nordeste depois. A União Nacional dos Estudantes (UNE), com o intuito de preparar o que ela chama de frente estudantil-operário-camponesa, pensou também em utilizar, dessa vez não os cantadores populares, mas as formas dramáticas tradicionais. Os Centros Populares de Cultura (CPC), os teatros volantes, tornaram-se os instrumentos mais eficazes de politização das massas. Esta necessidade é tanto mais sentida pelos estudantes porque êles se sentem também sem raízes e desajustados. O estabelecimento de uma cultura popular, de uma frente comum cultural, lhes permite encontrar uma justificação para o malestar que experimentam ao contacto de um ensino que se recusa sistematicamente a assumir suas responsabilidades, são somente sociais, mas políticas. A cultura popular tornou-se pois como que "a ciência da nacionalidade", um mito, i. é, imagens poderosas que, num certo sentido, modelam a realidade, exercendo portanto um papel positivo no sobressalto brasileiro. Ê uma maneira de projetar-se como sujeito da história nacional: a cultura popular é afirmar que o povo não é apenas uma massa mas que êle deve poder exprimir-se, que é preciso levar em conta as suas necessidades; igualmente o nacionalismo é, para os grupos dinâmi-

cos da sociedade brasileira, um modo de pensar-se como sujeito e de colocar-se como tais no mercado internacional. Trata-se, no entanto, nos dois casos, de uma comunhão dos intelectuais e da massa rural, da burguesia industrial e da esquerda política, numa irracionalidade que pode conduzir não apenas a mistificações mas a erros graves. Roger Bastide, concordando nesse ponto com J. Lambert, observa, por exemplo, que o brasileiro ao mesmo tempo em que quer ser *nacional* chega a desprezar o nacional, ou que, ao mesmo tempo em que crê no futuro geográfico do Brasil, duvida da capacidade nacional para realizá-lo.

Essas confusões ideológicas são perigosas pois podem ser manipuladas em proveito de grupos, relativamente pouco fortes, mas bem organizados, os quais radicalizarão a situação sem, no entanto, resolver o problema-chave da democratização em profundidade. O Prof. Paulo Freire imaginou pois um Serviço de Extensão Cultural universitário, que teria como principal função despertar os meios universitários para as necessidades concretas da situação atual e dar a êsses meios formas de ação prática.

#### 6. *Uma experiência exemplar: o MCP do Recife.*

Uma verdadeira solução não pode ser senão uma integração da educação numa planificação interministerial. Se esta é difícil no plano federal, a estrutura federativa e a mentalidade regional do Brasil permitiriam facilmente uma tal ação no plano municipal ou estadual. Foi o que compreendeu o antigo Prefeito do Recife, Miguel Arraes, hoje Governador do Estado de Pernambuco.

Ele criou um órgão privado, mas subvencionado pelo Estado, o Movimento de Cultura Popular, o qual foi estruturado por um grupo de educadores e de sociólogos, dirigido pelo Prof. Germano Coelho, discípulo do Prof. Joffre Dumazedier, e que foi chamado a assumir as funções de secretário da Educação do Estado de Pernambuco.

O MCP organizou a sua ação educativa graças a um trabalho de equipe, que abordou simultaneamente todos os problemas culturais dos bairros mais desfavorecidos da capital. Mais de 200 escolas foram criadas, as quais alfabetizam 13 mil crianças e 45 mil adultos, dentro dos métodos racionais que já assinalamos, reduzindo o custo por aluno a uns 4 francos suíços por ano. Depois o MCP preocupou-se em despertar um movimento de massa no seio da população do Recife, procurando levar a vida cultural ao contacto direto com o povo por meio de festas no sítio onde está situada a sede do Movimento, um teatro ao ar livre, concertos e primeiras experiências de cineclubes. Numerosos artistas se engajaram para uma primeira forma do ensino artesanal, que permaneceu, no entanto, embrionária. Finalmente, em cada bairro foram instaladas praças de cultura, conforme uma idéia do Prof. Paulo Rosas. Estas, muito mais vastas e complexas do que as de Natal, constituem realmente o centro dos bairros. Há o terreno para jogos, mas também uma concha acústica que possibilita pequenas reuniões de trabalho, ao ar livre, de dia, com as crianças ou com as mães, ou a organização, à noite, de teclubes, nos quais são discutidos e comentados os programas de TV. Uma biblioteca vem completar o equipamen-

to dêesses centros, que deveriam torna-se o lugar de encontro entre a elite intelectual e a massa do povo. Infelizmente, como observa a coordenadora do projeto, Srta. Silke Weber, a concepção talvez muito tradicional do arquiteto não permitiu que se rompesse a passividade do povo, o qual olha, assiste, mas dificilmente toma parte. Estas observações sôbre os primeiros resultados serão levadas em conta nas duas praças atualmente em construção.

É esta experiência-pilôto que o Governador Miguel Arraes pretende aplicar a todo o Estado de Pernambuco, integrando-a num plano polivalente de desenvolvimento da higiene pública, de assistência sanitária e de técnica agrícola. Essa experiência terá uma importância capital porquanto, pela primeira vez na história do Estado, um Governador foi eleito na base de um programa já realizado e com a intenção de estendê-lo a todo o Estado. Não é pois de admirar que o MCP tenha estado no centro das discussões políticas. Muitos adversários o censuraram por ser polizado demais, de ser enfim apenas uma forma indireta de propaganda eleitoral. O MCP respondeu muito bem a essas críticas utilizando justamente uma forma popular de luta: a literatura de folhetos.

O *Livro de Leitura para Adultos* foi considerado como um manual de subversão, enquanto o Prof. Anísio Teixeira reconhecia públicamente que êle representa, na literatura brasileira do ensino primário, uma revolução tanto na forma quanto no espírito da didática da alfabetização.

## 7. Conclusões.

O que me parece surpreendente nessas diferentes experiências é que nelas os problemas pedagógicos devem ser colocados numa perspectiva tôda nova, não sômente teórica mas ideológica. À primeira vista poder-se-ia mesmo perguntar até que ponto um diálogo é ainda possível, e se a pedagogia comparada não vai tornar-se um simples confronto de experiências irreduzíveis. E, no entanto, achamos que essas experiências nos levam a repensar nossa própria situação pedagógica. Não é destituído de interêsse observar que a brochura recentemente publicada pela *Association Suisse des Universités Populaires* (22) concluiu sugerindo uma maior preocupação pela educação popular.

Por outro lado, conforme observa um dos autores de *Aspects Économiques de l'Éducation* (23), as experiências do Terceiro Mundo chamam a nossa atenção para os problemas da rentabilidade e da racionalização dos sistemas educativos. Mas essas reflexões precisam as possibilidades e os limites duma solidariedade: é claro que se a UNESCO inscreve no seu programa como primeiro objetivo a alfabetização não podemos nos desinteressar disto. Mas é também claro que o tempo da exportação-importação das soluções pedagógicas está não sômente ultrapassado, mas é impossível fazer isto hoje, pois nós já não temos experiências dêesse gênero. Uma atenção dada a êsses problemas nos permitirá adquirir uma consciência planetária, sensibilizando-nos para as experiências cruciais para o futuro do conjunto, ou pelo menos, da maior parte do nosso universo.

Quando Roger Bastide dizia que o Brasil é um vasto laboratório sociológico, êle não queria dizer que o Brasil devia tornar-se um campo de experiências para os estrangeiros, mas que êle é a mediação necessária para que outros países possam tornar-se realmente participantes responsáveis do século XX.

1) Fernando de Azevedo — *A Educação entre Dois Mundos: Problemas, Perspectivas e Orientações* — São Paulo — Edições Melhoramentos — s.d. (A segunda parte é inteiramente consagrada ao Manifesto de 1932).

2) M. B. Lourenço Filho — *Introdução ao Estudo da Escola Nova* — São Paulo — Edições Melhoramentos — s.d.

3) Carneiro Leão — *Panorama sociologique du Brésil* — PUF — Paris, 1953 (Contém dois capítulos consagrados ao problema da educação).

4) A reforma de Fernando de Azevedo é analisada no seu livro: *Novos Caminhos e Novos Fins a Nova Política de Educação no Brasil, Subsídios para uma História de Quatro Anos* — Edições Melhoramentos — São Paulo — s.d. A de Anísio Teixeira é analisada no seu: *Educação para a Democracia, Introdução à Administração Educacional* — José Olympio — Rio, 1936. O MEC publicou uma bibliografia crítica de sua obra.

5) *Educação e Desenvolvimento Econômico, Relatório Brasileiro* — Rio, 1962, que pode ser completado pelas estatísticas, já um pouco desatualizadas, de *L'Analphabétisme dans le monde au milieu du XXe siècle* — Unesco — Paris, 1957. Para o Estado de Pernambuco, ver o relatório de A. C. Gonçalves, publicado no primeiro caderno de *Região e Educação* — 1961 — pgs. 35ss, do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Pernambuco.

6) J. Lambert — *Les Deux Brésils* — Plon — Paris, 1953, particularmente os capítulos consagrados ao crescimento demográfico e à instrução pública.

7) Cf. Anísio Teixeira — *A Educação não é um privilégio* — José Olympio — Rio, 1957.

8) C. B. Silva — *Educação e Desenvolvimento Nacional* — ISEB — Rio, 1957.

9) Número especial de *Peuple et Culture*, consagrado à planificação e educação popular — Paris, 1961. Ver também o *Manifeste pour une civilisation solidaire*, do Pe. Lebreton o.p. — Éditions Sociales — o qual aliás conhece muito bem o Recife, pois fez um plano de desenvolvimento para região.

A pedagogia comparativa faz também parte da planificação, integrando nosso pensamento pedagógico numa perspectiva mundial que nos imporá certas prioridades. Compreender os problemas duma outra região é pôr à prova sua capacidade de universalização.

10) P. Juvigny — *Pour l'égalité devant l'éducation* — Unesco — Paris, 1962, e as numerosas declarações do nôvo diretor da Unesco, Dr. Mabeu, a propósito da campanha mundial da Unesco contra o analfabetismo.

11) Celso Furtado — *A pré-Revolução Brasileira* — Fundo de Cultura — Rio, 1962. Josué de Castro (autor de *Geopolítica da Fome*, professor da Universidade do Recife e, atualmente, embaixador do Brasil junto às instituições internacionais de Genebra) também consagrou um estudo ao problema da situação revolucionária brasileira na revista *Esprit* — 1962 — n.º 9, pgs. 312-325.

12) N. W. Sodré — *Quem é o povo no Brasil?* — Civilização Brasileira — Rio, 1962.

13) F. Julião — *Que são as Ligas Camponesas* — ibidem — Rio, 1962.

14) Celso Furtado — *O Nordeste no processo revolucionário do Brasil*, na revista *Senhor* — Rio, 1963 — n.º 47, pgs. 10ss.

15) A SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) é um órgão federal, dirigido por Celso Furtado desde a sua criação, e que tem por finalidade coordenar o desenvolvimento do conjunto desta região. Para uma apreciação moderada de seus projetos e de suas realizações ver C. Eckenstein, numa série de artigos saídos na *NZZ* e reproduzidos na *Swiss Review of World Affairs*, de Zurich, dez. 62 — jan. 63.

16) J. Viazev ressaltou admiravelmente êsses novos aspectos do papel social da educação na sua introdução ao número especial da *Revue Internationale des Sciences Sociales* — Unesco — Paris, 1962, n.º 4, número consagrado justamente aos *Aspects Économiques de l'éducation*. Ver também o estudo de J. Laurea sobre *Las bases economicas de la educación en América Latina* — Cuadernos — Paris, 1962, n.º 65, pgs. 25ss.

17) Paulo Freire — *A escola primária brasileira* — in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* — Rio, 1958, pgs. 87ss.

18) Paulo Freire lançou as bases teóricas da sua ação em *Educação e Atualidade Brasileira* —

Recife, 1959; em *A propósito de uma administração* — Recife, 1961. Em numerosos artigos do Boletim do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife êle expôs os objetivos e os resultados desse movimento. Ver também meu artigo *L'Université de Recife veut aussi éduquer les masses* — *Journal de Genève*, — 29 de setembro de 1962.

19) Uma comparação com a situação africana pode ser estabelecida baseada no estudo de W. A. Lewis *L'éducation et le développement économique*, publicado em *Aspects économiques de l'éducation*, pgs. 737ss.

20) M. T. Nunes — *Ensino secundário e sociedade brasileira* — ISEB — Rio, 1962. Um número especial da revista *Anhembi*, São Paulo, junho de 1960, discute a reforma educativa em curso.

21) Op. cit., pgs 36ss.

22) *Les Universités Populaires en Suisse* — Zurich, 1962.

23) C. Benson — *Les méthodes d'enseignement et leur cout: la productivité des systèmes d'enseignement actuels* pgs 727ss.

(Traduzido do francês por Juracy Andrade)

### RESUMÉ

VOICI UN RAPPORT d'observations scientifiques de voyage à travers le Brésil. L'auteur rappelle d'abord les expériences pédagogiques du passé et expose les nouvelles, les expériences modernes dans le domaine de l'éducation populaire et de l'alphabétisation. Il étudie la situation brésilienne, c'est à dire, d'un pays en développement plein de dénivellements, avec les contradictions qui en découlent, spécialement du point de vue de l'éducation. Il montre le phénomène de la progressive politisation des masses suivie d'un intérêt chaque fois plus grand pour ce qui regarde la culture, ainsi que les efforts de démocratisation de celle-ci. Tout cela est fondé sur des données solides et des statistiques. Il présente en particulier, les expériences de l'École

Parque, de Salvador; de la campagne "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler" (la lecture pour ceux qui vont nu-pieds), de la Mairie de Natal; du MCP, de Recife; des CPSs; de M. Paulo Freire (Service d'Extension Culturelle de l'Université de Recife); et des Écoles Radiophoniques du diocèse de Natal. Il souligne l'action du INEP (Ministère d'Éducation et Culture). Il montre la nécessité de l'intérêt et de l'attention des pédagogues européens (l'auteur est lui même) pour ces expériences pédagogiques du Tiers-Monde (bien que la situation de l'Europe soit complètement différente), afin d'intégrer la pensée pédagogique européenne dans une perspective mondiale et de tester sa capacité d'universalisation.

### ABSTRACT

THE AUTHOR presents a report of his observations on a recent tour to Brazil. He reviews a number of pedagogical experiences held in the past and compares them to some quite new and modern ones actually being carried on in the field of literacy teaching. Brazilian condition as a developing nation is studied from the viewpoint of its many and varied socio-cultural contradictions and with a view to an educational policy. The increasing political conscience of the masses and the subsequent appetite on the part of the Brazilian people for more culture are shown as phenomena whose origin is to be sought for in the process of democratization of culture now going on in Brazil. The author bases his conclusions on statistical data he has gathered in his tour. Special reference

is made to experiences such as *Escola Parque*, in Salvador, State of Bahia; *De Pé No Chão Também Se Aprende a Ler* (Reading Can Also Be Learned On Bare Feet), in Natal, State of Rio Grande do Norte; the C. P. C.'s (Centers of Popular Culture); Prof. Paulo Freire's work ahead of the Cultural Extension Division of the University of Recife; and finally the radio schools in Natal.

According to the author's opinion (he is Swiss born), European teaching authorities should acquaint themselves with such educational projects actually being conducted in the so-called Third World, even though the European situation is completely different. This might prove to be excellent grounds on which to test European teaching philosophies' capacity to universalization.